

O CORPO FEMININO NEGRO E O MOVIMENTO “MARCHA DAS VADIAS”

Laurianne Guimarães Mendes¹ (IC)*, Guilherme Figueira Borges² (PQ)

*laurianneguime@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás – Campus Iporá¹, Universidade Estadual de Goiás – Campus Morrinhos².

Resumo: A “Marcha das Vadias” é um movimento que emerge no fio descontínuo da história como resposta ao comentário de um policial que afirmou que as mulheres deveriam parar de se vestir como vadias para evitar estupros. Com o crescimento do movimento “Marcha das Vadias” e de seus adeptos, diversos movimentos, como exemplo, o movimento negro e o movimento LGBT, acabaram se incorporaram à Marcha produzindo sentidos para os corpos que são singulares. Nesse trabalho, objetivamos analisar os sentidos que deslizam sobre o corpo feminino negro no movimento “Marcha das Vadias”, visto que, esse corpo sofre discriminações por sua raça e gênero. Por fim, convém evidenciar que, no movimento intitulado “Marcha das Vadias”, o corpo feminino negro, sob uma ótica discursiva, constitui-se na “anormalidade” por resistir a determinados padrões sócio- históricos-ideológicos. Para tanto, ancorar-nos-emos, sobretudo, nas noções de “sujeito”, “discurso”, “história” e “corpo anormal”, de Foucault (1995, 1996, 2001), em diálogo com as noções de “monstro”, de Courtine (2008), “raça” e “gênero”, de Louro (2003) e “identidade” de Hall (2011).

Palavras-chave: Análise do Discurso. Marcha das Vadias. Corpo Feminino Negro.

Introdução

Consideramos relevante destacar que a Marcha das Vadias é um movimento que emergiu na cidade de Toronto, no Canadá, como forma de resposta ao comentário de um policial que afirmou que, para evitar estupros, as mulheres deveriam parar de se vestir como vadias. Com o crescimento da Marcha das Vadias e de seus adeptos, diversos movimentos, como exemplo, o movimento negro e o movimento LGBT, acabaram se tornando inerentes a Marcha. Dessa forma, busca-se nesse trabalho, observar os sentidos que deslizam sobre o corpo negro feminino no Movimento Marcha das Vadias, visto que esse corpo sofre de uma dupla discriminação concebida por sua raça e gênero.

Levando em consideração a disciplinarização que o corpo negro sofre objetiva-se com este trabalho analisar a constituição do mesmo no movimento “Marcha das Vadias”. É relevante se pensar que essa disciplinarização incide, diretamente, na materialidade do corpo como, por exemplo, a questão do cabelo afro que deve se enquadrar em certas normatizações para ser considerado “normal”. Por fim, convém mencionar que, nesse trabalho, evidencia-se que, no movimento intitulado “Marcha das Vadias”, o corpo feminino negro, sob uma ótica discursiva, constitui-se na anormalidade por resistir a determinados padrões sócio-históricos-ideológicos.

Material e Métodos

Inicialmente, elaboramos leituras de obras do campo da Análise do Discurso Francesa, incluindo tanto os textos fundadores quanto os textos comentadores. Em um momento ulterior, realizamos a construção do *corpus* de análise que consiste em imagens do Corpo Feminino Negro presentes no “Movimento Marcha das Vadias” que aconteceu na cidade de Recife – PE, no dia 28 de maio de 2016. É importante salientar que o banco de imagens foi montado a partir de imagens que continham a simbiose entre corpo e escrita. O banco de imagens se constitui a partir de imagens que foram extraídas de um blog pertencente ao “ColetivoMVR”. Desse modo, procedemos a análise da constituição corporal discursiva do Corpo Negro Feminino em simbiose com a escrita, revelando os processos de subjetivação que emergem no Movimento Marcha das Vadias.

Resultados e Discussão

Nas imagens, destaca-se a forma como o imbricamento entre corpo e escrita fornece embasamento para a manifestação de resistência. Afinal, ao se observar o



corpo feminino negro que serve de superfície para os dizeres “O meu corpo não tá errado” percebe-se a construção de resistência desse corpo que, durante muito tempo, foi tido como anormal ao fugir do que é estipulado como normal para o corpo feminino (magra, branca, cabelo liso, loira). Durante a “Marcha das Vadias” o corpo feminino negro busca se desprender do discurso que domina as relações que os sujeitos instauram com seu próprio corpo e sua materialidade e com a “normalização”, o processo de resistência se dá por meio do acontecimento que eclode no momento

histórico, onde os corpos dos sujeitos, a escrita, a pintura corporal e o espaço, afinal, é por meio desse acontecimento que são (re)construídas a identidade do sujeito.

Assim, nota-se uma nova constituição da materialidade do corpo feminino negro. Uma vez que, como se percebe nas imagens, a resistência, ao fazer parte das relações de poder e verdades, acaba por tencionar que o sujeito se desprenda de certos discursos para ser interpelados por outros. Ademais, percebe-se que a implementação de uma resistência em relação as questões de gênero e de raça cristalizadas na história e que ditam padrões para o corpo das mulheres, fornecem suporte para que um novo padrão para o corpo feminino seja instaurado.

A concepção de normalidade é construída ao longo do fio descontínuo da história, em cada momento dessa descontinuidade nota-se a construção de normas que instauram o que é ou não é normal e anormal. Percebe-se que o anormal só surge a partir do momento em que corpos “fogem” da normatividade imposta pelo discurso dominante. Ao se lançar um olhar para o corpo negro inserido na Marcha das Vadias é relevante destacar que este é tido como “anormal” levando em consideração as noções de normalidade postuladas na sociedade em que eles estão inseridos. Na sociedade brasileira



contemporânea, construiu-se, por exemplo, a normalidade de ter o cabelo liso, além disso, de certo modo, esses corpos são punidos (como, por exemplo, mulheres negras não conseguirem emprego por terem um cabelo afro) para se adequarem a

padronização recorrente na sociedade.



Assim, nas imagens, percebe-se que o movimento “Marcha das Vadias” abre espaços para uma ressignificação do Corpo Feminino Negro no fio descontínuo da história. Essa ressignificação permite a reestruturações de efeitos de sentidos balizados por discursos que constroem a sexualidade, o gênero e a raça. Graças a isso, percebe-se que durante o movimento

eclode um enfrentamento em relação a disciplinarização que é imposta ao corpo feminino negro.

Considerações Finais

Ao nos inscrevermos no campo da Análise do Discurso francesa, percebemos que o Movimento Marcha das Vadias contribui para fundação de uma resignificação do Corpo Negro Feminino na história. Fato que remarca o (efeitos de) sentido que emerge da simbiose entre corpo e escrita no acontecimento “Marcha das Vadias”, a saber: o corpo feminino negro se inscreve em posições de resistência a exercícios de poder que delimitam “normalidades” para as mulheres nas práticas sociais.

Agradecimentos

Agradecemos ao Programa de Bolsas da Universidade Estadual de Goiás pelo fomento concedido ao desenvolvimento desta pesquisa.

Referências

- COURTINE, J-J. “O corpo anormal: História e antropologia culturais da deformidade”. In: CORBIN, A.; COURTINE, J-J.; VIGARELO, G. **História do Corpo: as mutações do olhar: o século XX**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 253-340.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. 5°. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 2011.